

QUEM É PRIMAVERA DAS NEVES?  
TEXTO FINAL  
13/03/2017

\*\*\*\*\*

MARIANA

Era verão, quando lhes contei  
o sonho de Alice, e hoje é inverno,  
cheio de tristeza. Mas que importará  
que a neve cubra, com a sua brancura,  
o campo, outrora verde, se, da alvura,  
de novo a primavera surgirá?  
Lá fora ruge o vento, mas não entra  
no terreno da bela fantasia;  
penetremos, pois, nele, novamente,  
para beber na deliciosa fonte  
da imaginação.

["Através do espelho e o que Alice encontrou lá", de Lewis  
Carroll. Tradução: Primavera das Neves]

JORGE

Essa história começou aqui, ó: Alice no país das maravilhas, Lewis  
Carroll. Foi quando eu vi pela primeira vez o nome dela.

MARIANA

Que é um nome curioso, né?

JORGE

Um nome muito curioso, que me pareceu impossível. Primavera das  
Neves, quem é essa pessoa?

MARIANA

É...

JORGE

Que nome é esse? Só pode ser um apelido, um, um pseudônimo de  
alguém.

MARIANA

É, pseudônimo.

JORGE

Porque aconteceu o seguinte: eu entrei no Google pra procurar  
"Primavera das Neves" e só achei uma citação. Aí eu escrevi... Aí  
eu escrevi isso aqui.

JORGE

Quem é Primavera das Neves, tradutora de Carroll e de Júlio Verne?  
Seria um pseudônimo? Alguém já ouviu falar dela? Quem souber, por  
favor, me avise.

EULALIE

Jorge Furtado: Ontem, em minhas insônias, encontrei seu blog no Google, por acaso, quando buscava o nome de minha amiga Primavera Sáiz das Neves.

JORGE

Não, não, Eulalie. Tu não entra no filme agora. O primeiro texto do blog eu escrevi em março de 2010, a tua resposta chegou só em 2013. Mas, antes disso...

JORGE

Em 2012, a Biblioteca Nacional criou um sistema da Hemeroteca.

EULALIE

Maravilhoso.

JORGE

É, maravilhoso.

EULALIE

Maravilhoso.

JORGE

Comecei a procurar ela na hemeroteca da Biblioteca Nacional. E achei. O nome dela, de verdade, era Primavera das Neves.

MANUEL

Bom, ela era Primavera Ácrata, Primavera Ácrata quer dizer Primavera livre, Ácrata quer dizer sem governo. É mesmo um nome que um anarquista, só um anarquista pode pôr a uma filha.

ANNA BELLA

Devia tá de saco cheio com esse nome, né? Desculpe, não: era muito bonito mas, escuta aqui: Primavera, outra que se chama Verão...

JORGE

É, por isso.

ANNA BELLA

Pai, o pai dela é isso... O seu Roberto, né?

MARIANA

E será que o pseudônimo tem a ver com o fato de ela ser... exilada, de ela estar... fungindo, alguma coisa?

JORGE

Sabe que eu achei que sim?

JORGE

Ela ficou fugindo das ditaduras pelo mundo, com o pai, com a mãe, varias vezes, voltou pra Portugal, teve exilada dentro da embaixada brasileira com a filha recém-nascida. Falava alemão, francês, inglês, espanhol, traduziu de... mais de oitenta livros, né?

JORGE

Pra mim, a história tava encerrada ali, eu disse: bom, já sei quem é, descobri e tal. Quando recebi a tua, o teu, a tua carta, eu disse: bom, essa história está mal começando...

EULALIE

Encontrei seu blog no Google, por acaso, quando buscava o nome de minha amiga Primavera Sáiz das Neves - como a conheci no Colégio Franco Brasileiro (Lycée Français) no Rio.

JORGE

Fomos colegas de classe durante cinco anos. Foi um privilégio conhecê-la e considerá-la uma das minhas maiores amigas.

EULALIE

Morreu muito cedo e não foi fácil perdê-la. Em oito de março deste ano, dois mil e treze, ela completaria oitenta anos. Você não pode imaginar ou pode? Que alegria foi encontrar alguém que a redescobriu. Como Primavera pode ficar esquecida?

MARIANA

Fiquei bastante emocionada e não resisti em lhe escrever. Falar de pessoas que nos são queridas faz bem. É como se as tocássemos de novo, é como se estivessem vivas outra vez, neste mundo. Respeitosamente, Eulalie. Que bonito!

JORGE

O incrível dessa história, eu acho, é o fato de, trinta anos depois da morte dela, tu tá procurando por ela na internet, né?

EULALIE

Numa certa noite, sem dormir, eu estava lembrando dela. Aí encontrei o blog. E aí vejo: "Quem é Primavera das Neves?" Eu levei um susto! Isso de noite... Anos e anos e anos sem eu, eu conversar com ninguém... E aí eu fiquei tão encantada com aquilo, tão, fi, tão tocada... Sobretudo, quando ele fala, que gostou do nome dela... Então aquilo me despertou uma, uma presença dela muito grande.

MARIANA

Se o futuro existisse, concreta e individualmente, como algo que pudesse ser discernido por uma mente melhor dotada, talvez o passado não fosse tão sedutor: suas exigências seriam contrabalançadas pelas do futuro. As pessoas poderiam, então, cavalgar a parte central da gangorra, ao considerarem este ou aquele objeto. Talvez fosse divertido. Mas o futuro não tem essa realidade (que o passado gravado e o presente sentido, possuem); o futuro é apenas uma figura de retórica, um espectro do pensamento. ["Transparências", de Vladimir Nabokov. Tradução: Primavera das Neves]

MARIANA

No final do século dezenove o mundo estava cheio de esperança: o fim da escravidão, o triunfo do iluminismo, dos ideais de justiça e liberdade, a decadência dos impérios coloniais, as repúblicas e o desenvolvimento das ciências, anunciavam uma era de paz, prosperidade e grandes descobertas: a anestesia, o telefone, os aviões, a fotografia, o cinema, a lâmpada elétrica, a locomotiva, invenções que melhoraram a qualidade de vida das pessoas e trouxeram fé no progresso da humanidade e na paz.

MARIANA

Mas o século vinte não cumpriu essa promessa. Ódio. Guerra. Destruição. A primeira guerra mundial deixou 15 milhões de mortos. Multiplique pelo número de mães que perderam seus filhos, pelos órfãos, viúvas, famílias e amigos e calcule o "círculo da dor" de tantas mortes. Ditaduras surgiram pelo mundo, durante todo o século vinte: Itália. Portugal. Alemanha. Espanha. França. União Soviética. Iugoslávia. Coreia do Norte. Irã. China. Cazaquistão. Albânia. Romênia. Uzbequistão. Bulgária. Cuba. Turcoemenistão. Grécia. Zimbábue. Indonésia. Gabão. Filipinas. Argélia. Guiné Equatorial. Camboja. Chile. Iraque. Burkina Faso. Moçambique. Eritreia. Angola. Nicarágua. República Dominicana. Paraguai. Uruguai. Líbia. Peru. Egito. Bolívia. Venezuela... e Brasil.

MARIANA

As guerras e as ditaduras causam, além dos mortos, ondas de excluídos, perseguidos, exilados. Alguns descobrem novas pátrias e criam raízes, alguns se desesperam, alguns se conformam, se adaptam, alguns resistem.

MARIANA

Roberto das Neves - anarquista português - e Maria Jesusa - sufragista espanhola, se conheceram na Espanha durante a República. Antes da Guerra Civil, das batalhas perdidas e da ditadura de Franco, eles se apaixonaram. Foram para Portugal, casaram e tiveram uma filha, a quem deram o nome de Primavera Ácrata Sayz das Neves. Ácrata, sem governo, o nome da menina era um desejo dos pais que lutavam pela liberdade e fugiram para o Brasil. A menina cresceu aqui e escolheu o seu próprio nome, um nome que era inteiro um poema: Primavera das Neves.

JORGE

E aí a Eulalie, ela nos falou de uma outra grande amiga da Primavera, que era a Anna Bella Geiger. A Anna Bella Geiger eu conhecia já, de nome, porque era uma artista plástica conhecida, da vanguarda dos anos setente, né?

ANNA BELLA

Eu conheci a Primavera exatamente do bairro. A Primavera deve ter vindo pro Brasil, com o pai e a mãe, no navio, quando ela tinha uns oito anos... E A Primavera foi, eles foram morar no mesmo bairro onde nós morávamos, que é ali entre Glória e Catete.

ANNA BELLA

Ali onde tem a estátua do Álvares Cabral, não é, tinha, era um coreto, lindo... Então eu e a Primavera, ficávamos subindo naquela beira, pra ver quem é que conseguia... seguir.

ANNA BELLA

Mãe brasileira não levava a criança pra... pra ir pro jardim depois da escola, pra pegar ar... Isso é coisa da Europa, que tem jardins.

ANNA BELLA

Mas é que o bairro, era a coisa mais estranha: naquele bairro... uma maioria de alemães, não interessa se refugiados ou não sei mais o quê, moravam naquele bairro até Santa Teresa.

EULALIE

Uma verdadeira família de, de estrangeiros... Era uma italiana, era... tinha uma menina que era filha de alemães, uma amiguinha da Primavera... Tinha várias pessoas, a Anna Bella mesmo...

JORGE

A própria Anna Bella.

EULALIE

Pois é. E a Dona Maria liderava esse grupo. Ela era... o centro.

ANNA BELLA

Ela que me educou. Praticamente tudo o que eu aprendi, independente do que era dentro da minha casa, da ética... enfim, uma ética normal, mas que tinha muito de judaica, eu aprendi estando com a Dona Maria e a Primavera praticamente o dia todo durante anos, mas não era um dia, porque morava ali, então íamos pra lá, vivia uma na casa da outra.

ANNA BELLA

Acontece que por outras coincidências, meu pai me botou no Liceu Franco-brasileiro. No Lycée Français. E Primavera já estava lá desde o primário.

JORGE

Vocês se conheceram como?

EULALIE

Foi no pátio do colégio. No dia que eu entrei, aquelas filas cantando o Hino Nacional e... a Marselhesa, e tal, aquelas coisas... Primeiro dia de aula... Então eu não me lembro dela.. nesse dia, eu tava muito tímida, né, ahn, colégio novo, não tinha colegas, não tinha amigos.

ANNA BELLA

Olha o pátio! O pátio é isso.

JORGE

O pátio.

ANNA BELLA

Aqui eram as salas, então era uma construção, é uma construção muito francesa de escola...

JORGE

Como vai? Prazer, Jorge.

ANA LUIZA

Ana Luiza Balassiano.

JORGE

Tudo bom? Eulalie, al... ex-aluna.

ANA LUIZA

Ah, sim.

EULALIE

A Primavera, ela já era aluna e eu cheguei na terceira série. Eu tinha estudado em colégio da Zona Norte. E mudamos pra cá em mil novecentos e quarenta e seis. Então... Ela devia ter doze anos ainda, ia fazer treze. E eu já tinha quatorze, ia fazer quinze. E sempre com a Anna Bella do lado, realmente as duas passeando no pátio do colégio.

JORGE

Essa foto aqui, ó... é do tempo da guerra: mil novecentos e quarenta e quatro. Essa aqui é ela, ó...

MARIANA

Entrega de doações, né?

JORGE

É... A escola foi levar doações que eles fizeram pros soldados, e aí ela foi junto.

MARIANA

E ela, bonitinha...

JORGE

Ela foi junto, ela era a menorzinha da turma.

EULALIE

E agora eu imagino que, em determinado momento, que eu não me lembro, ela se aproximou de mim, porque ela tinha essa sensibilidade de ver a pessoa sozinha, um pouco... tímida.

EULALIE

Deve ter sido assim. Com certeza. Ela veio falar e, e veio pe, fazer perguntas e tudo... E me adotou. Acho que aí eu entrei dentro do, do grupo.

JORGE

Isso aqui é de vinte e nove de abril de quarenta e sete. E aqui, ó, é o lugar como eles sentavam no, na sala.

EULALIE

Eu tou aqui. Eu que me coloquei como centro do, desse grupo. Aqui a Primavera desse lado, essa é a Wilma...

JORGE

A Anna Bella não tava nessa turma mais.

EULALIE

Não, porque era o ano em que ela saiu.

JORGE

Quarenta e sete.

EULALIE

Era boa amiga. Não tinha religião e, sendo eu católica, sempre me respeitou. No colégio ficou ao meu lado, quando certo professor muito amado pelos alunos, fazia críticas à religião católica, com aplauso da maioria dos alunos.

EULALIE

Diziam que ele era comunista, naquela época. E... e ele era anticlerical e... Era muito simpático, era adorado pelos alunos. E ele falava, ele era bem irreverente. E ela tinha um, um pai irreverente, não é? De maneira que pra ela não era novidade, né? Mas pra mim era, né?

MARIANA

Os objetos fabricados pelo homem, ou os naturais, inertes por si próprios mas muito usados por uma vida descuidada (...), são particularmente difíceis de manter superficialmente em foco: os principiantes escorregam pela superfície, cantarolando, satisfeitos, para si mesmos e não tardam a se encantar, com abandono infantil, pela história de uma pedra. Vou explicar. Uma fina camada de imediata realidade é espalhada sobre a matéria natural e artificial, e quem queira conservar-se no agora, com o agora, sobre o agora, deve fazer o favor de não romper essa película. Do contrário, o inexperiente fazedor de milagres vai dar consigo não mais caminhando sobre a água, mas sim afundando por entre peixes atônitos.

["Transparências", de Vladimir Nabokov. Tradução: Primavera das Neves]

EULALIE

Se usava, entre as meninas daquela época...

JORGE

Sim.

EULALIE

Um, um álbum pra que todos escrevessem... Por exemplo, o Gustavo

desenhava, aí ele fez um...

JORGE

Muito! Olha só esse desenho...

EULALIE

É. Aqui o Piccolo que escreveu pra mim.

JORGE

Hum, hum.

EULALIE

A Primavera, aqui... A letrinha dela ainda é de menina, né? "Estou contente por tê-la como colega e amiga, e desejo que sempre continuemos assim. Com a amizade da Primavera." Ah, ah, ah...

EULALIE

Ali é o salão onde foi o baile de formatura, a Primavera não veio ao baile.

JORGE

Quanto tempo faz que tu não subia nesse palco aí? Desde a tua formatura.

EULALIE

É. Desde o retrato.

JORGE

Formatura, né?

EULALIE

É, formatura do Ginásio.

JORGE

Formatura do Ginásio.

EULALIE

O Ginásio foi quarenta e sete.

EULALIE

A de branco é...

JORGE

A de branco é a Primavera...

EULALIE

Primavera...

JORGE

E Eulalie, de preto.

EULALIE

Eulalie.

JORGE

Onde é que tá o Piccolo?

ANNA BELLA

Antônio Carlos Piccolo era grande amigo meu e da Primavera.

JORGE

Pois é, ela me contou.

ANNA BELLA

Vamos olhar se ele tá nessa.

JORGE

Ele tá aí?

ANNA BELLA

Vamos ver.

JORGE

Vamos aumentar um pouquinho.

ANNA BELLA

Tá aqui, tá aqui o Piccolo.

JORGE

Ah, esse é o Piccolo?

ANNA BELLA

Olha a cara! Cara de Piccolo mesmo, de intelectual...

JORGE

Olha... os formandos.

EULALIE

Aqui era a biblioteca.

JORGE

Vocês se formaram em que ano?

EULALIE

Em cinquenta, foi no... no terceiro científ... ah, tá aqui.

ANA LUIZA

Ué?

EULALIE

É, olha aqui... Mas a Primavera não está...

JORGE

Mas tu tá?

EULALIE

Que pena. Olha, eu tou aqui, eu não tenho essa foto.

JORGE

Ah, aqui é tu... Olha aqui, ó.

EULALIE

É... Olha a Primavera! Que bonitinha, olha, eu não tinha! Não me lembro nada dessa foto. Que foto linda!

JORGE

Linda essa, olha vocês ali, vocês sempre grudadas, as duas vivam... Todas as fotos que eu vi das duas... elas tão grudadas.

ANNA BELLA

Então estávamos fazendo o ginásio juntas, então era... aí ficamos ligadas assim, éramos as irmãs. A Primavera não tinha irmãos. Aí, eu e a Primavera fomos criando uma, uma maneira de ser "cult" à nossa moda.

EULALIE

Ela, comigo, ela sabia que eu não era muito... Tão, tão, assim... (risos) Ahn, digamos assim, uma pessoa de tan, tanta leitura.

JORGE

Uhum.

EULALIE

Ela gostava muito de mim... Ela me dava livros. Certamente. Sempre me deu livros. E foi muito bom pra mim, né?

JORGE

"O grito da consciência". "Na Páscoa tudo renasce, até esse livro renasce das cinzas, com a voz imortal do seu autor, um abraço carinhoso da tradutora e amiga Primavera". Ah, sim, esse aqui é traduzido por ela...

JORGE

O quê que vocês faziam juntas nessa época?

EULALIE

A gente não fazia muito passeios, não. Era cinema...

ANNA BELLA

O seu Roberto era jornalista, então ele tinha um passe pra gente poder ir à ABI uma vez por semana, pra ver filme de graça.

EULALIE

A cinemateca funcionava na ABI.

JORGE

Na ABI.

EULALIE

Então nós íamos to, a todos aqueles festivais.

ANNA BELLA

Isso era um programa, me lembro, nas quartas-feiras... Então a gente via... um filme atualizado.

MARIANA

Meu amigo: Escrevo ainda sob os efeitos de "La Strada". Por que será que uma categoria de seres humanos se deixa influenciar tanto pela arte? Torga... Fellini... El Greco... Anthony Quinn... Thomas Mann... E por que será que existem pessoas que têm a inefável felicidade de contar com amigos?

[carta a Antônio Carlos Piccolo, 06/02/1957]

FREIRA

Bello...

ANNA BELLA

Eu passei a gostar muito de música clássica, de uma maneira educada assim, cultural, por causa da Primavera.

EULALIE

Ela passou pra mim uma cultura dela... que, que, que entrou também. Ela era uma pessoa culta desde criança, né?

ANNA BELLA

É, desde treze anos a gente, a gente ia nesses lugares com independência, isso, né, a minha mãe deixava eu ir, porque... não podia sair pra lugar nenhum, mas sair com a Primavera, pegar um bonde, íamos pra lá... Fizemos assinatura do, da Orquestra Sinfônica Brasileira, que eu não sei, quando eu já tinha quatorze anos eu acho, e a Primavera também... Nós íamos a todos os concertos. E era muito engraçado, porque vez por outra algum professor que fosse da, da escola, que via a gente lá... Me lembro de um comentário de uma professora de canto, que ela, ela era a dona Julieta, ela era sobrinha do Villa-Lobos, e a Julieta uma vez me disse: "Só vocês é que eu vejo aqui dentro do Teatro Municipal... Nenhum aluno vem assistir música clássica."

EULALIE

Eu me lembro que com quatorze anos... É, com quatorze, ela me falou em Freud, e daí deu uma explicação lá sobre Freud... (Risos) Eu disse... Nunca tinha ouvido falar em Freud, né, muito engra... A respeito da minha irmã, né... Minha irmã tinha vocação religiosa e certamente talvez pudesse ter seguido, não seguiu. E então ela disse... Posso falar? (risos)

JORGE

Claro, claro.

EULALIE

Ela disse: "A vocação religiosa é uma sublimação do amor." (risos)

ANNA BELLA

Porque a nossa convivência de adolescente até... até os dezoito anos, que é quando eu resolvo ir à Nova York, ela é uma convivência diária, sempre... ahn, lendo coisas, comentando.

ANNA BELLA

Tudo era iniciativa realmente da Dona Maria, que fazia da Primavera uma figura intelectualmente muito bem preparada.

EULALIE

A gente via quem era ela... Mas ela não dava aulas, por exemplo. Ela não doutorava. Ela não... Não, não...

ANNA BELLA

Logo depois eu entro na Faculdade com a Primavera... Esse convívio era enorme.

JORGE

Qual faculdade?

ANNA BELLA

A Nacional de Filosofia. Ela ficava no prédio que ti, era a ex-embaixada italiana. Os professores que, que eu tive e a Primavera teve, eram nomes que a pessoa não acreditava. Por exemplo, ahn, o Tristão de Athayde né, o Alceu Amoroso... Deu aula, passava o ano inteiro dando Machado de Assis, se você não saísse sabendo aquilo não passava... Tinha que fazer provas e provas. O outro professor era o... (não o tempo todo) era o Manuel Bandeira.

EULALIE

Ela me deu poesias, em aniversário, Não deixava escapar um Natal, uma, uma coisa assim, pra escrever... Tem um livrinho aí, que a Primavera oferece à minha mãe e diz assim: "Para Dona Iracema, o nosso vício"... (risos)

JORGE

"Para a querida Dona Iracema, o nosso vício. Um beijo especial de aniversário da Primavera". Rio, novembro de setenta e seis. Que livro é? Luiz de Camões, "Líricas".

ANNA BELLA

Então a gente tinha a nossa briga... Eu Beethoven, ela Wagner... A gente comprava disco - pra comprar disco era um sacrifício, porque era caro -, aí eu comprava um de Beethoven, ela comprava o Wagner. A gente ouvia aquilo tudo, né? É. Toda a sinfonia de Beethoven. Tinha de saber de cor, ahn, coisas assim, nossos exercícios de... E de rir à beça de tudo, mas de rir, sei lá de quê. A ponto, a gente ia pra cidade e começava a rir de alguma coisa num bar... e aí saía de lá pra não chamar atenção, porque... era um escândalo, que a gente ficava rindo...

MARIANA

A vida é bela na realidade

mas uma gota de fantasia  
faz com que o ritmo de cada dia  
ganhe um pouquinho de suavidade.  
Sejam na vida sempre meninos  
e sonhadores como é Alice  
e serão sempre mais felizes,  
porque é necessária a Fantasia.  
["Através do espelho e o que Alice encontrou lá", de Lewis Carrol.  
Tradução: Primavera das Neves]

EULALIE

Ela tinha muito bom gosto pra se vestir... Mas muito, muito,  
digamos assim, ahn, ao estilo dela, né?

ANNA BELLA

Adorava moda, como eu.

JORGE

Tu também?

ANNA BELLA

A gente desenhava sapatos, a gente desenhava tudo, não tinha é  
onde publicar. Inventávamos sapatos, eu tenho páginas inteiras de  
sandálias, que agora que se faz, eu e Primavera fazíamos.

EULALIE

Era muito comum Primavera colocar uma flor na roupa. Uma violeta,  
por exemplo, violetas ela... adorava violetas.

ANNA BELLA

Também chamávamos atenção, porque andávamos vestidas como se fosse  
duas modelitas, tá entendendo? Assim... as duas bonitinhas, né?  
Então, quando a gente ia à Cultura Inglesa, claro que não ia, não  
ia fora do, do, do, dos... trinquês, mas... o sapato combinava com  
aquela bolsa, tá entendendo?, a bolsa tinha que ser de couro  
costurado não sei o que lá, e... Houve ainda momentos que eu e a  
Primavera íamos de chapéu e de luva. No Municipal.

EULALIE

E saía e fazia um pouco de charme, fazia um charme... Ah, ah, ah,  
ah...

ANNA BELLA

Não arranjávamos namorados, mas não por falta de interesse. Era  
uma, uma proteção... Encontrávamos jovens e tudo. Mas... eu acho  
que pra gente se preservar, a gente vivia caçoando dos rapazes.

MARIANA

Meu amigo. A amizade não é uma forma sublime, tranquilizada,  
altruísta, maravilhosa, do amor? Mesmo que só de seis em seis  
meses, e de carta em carta? Por outro lado, o amor, como é  
difícil, egoísta, exigente, enganador. No sofrimento, nosso  
egoísmo lembra-se dos amigos. Ao menos, já aprendi a perder o

orgulho. E a amizade atua como um calmante, um vento fresco, um apoio. Responda-me. Conte-me os seus sonhos, os seus planos, as suas desilusões. Na medida do orgulho. Há sempre muito que a gente até a si mesma esconde. Um abraço, Vera.  
[Carta a Antônio Carlos Piccolo, 06/02/1957]

ANNA BELLA

Porque foi o seguinte: ela foi a Portugal e encontrou...

JORGE

... o Manuel.

ANNA BELLA

... o Manuel Pedroso, que era meio primo.

MANUEL

A minha família, da parte da minha mãe, era parente do pai da, da Vera, ahn, mas nós não nos conhecíamos, porque ela tinha ido com os pais para o Brasil com... nove ou dez anos, pequena.

MARIANA

O amor põe uma venda na gente  
E diz: "ou-ou!"  
É primavera e a gente entra no bosque  
Atrás do Amor: "ou-ou!"  
Sem cuidar dos lobos,  
Sem cuidar de nada.  
Mas oh! A trompa de caça!  
Os cães que latem!  
A gente arranca a venda e não vê o Amor.  
Só vê os cães,  
Só vê o caçador.  
["Poema 8", de Primavera das Neves]

MANUEL

O Roberto das Neves era uma figura peculiar, era um homem muito singular. Eu não conheci ninguém parecido com ele. E acho que, quer a mãe da Vera, quer a Vera, foram marcadas pela característica ideológica e pelo pensamento do pai.

ANNA BELLA

Apesar de acharem o Roberto maluco, mas não era maluco.

JORGE

Não, não.

ANNA BELLA

Não era nada maluco.

MANUEL

Ele era anarquista, era ateu...

EULALIE

Ele falava aquelas coisas pra me escandalizar também, era muito engraçado... E a Dona Maria dizia: "Ó, Roberto, não faça isso, não faça isso"...

JORGE

Mas tipo o quê?

EULALIE

Ah, falava de padres, falava... Ah, ah, ah...

JORGE

Amar a liberdade é crime horrendo?

Pregar o Amor, o Bem, acaso é crime?

Se é criminosa a causa que eu defendo,

matai-me! Eu não transijo, eu não me vendo!

Ah! Morrer pelo Ideal, como é sublime!

[Poema "Um deportado", de Roberto das Neves]

MANUEL

Era antitabagista, não ingeria medicamentos, ahn, era naturista...

ANNA BELLA

E Dona Maria muito orgulhosos, que nunca eles tinham dado vacina, Primavera nunca tomou, que eles dizem que ela nunca tomou nenhuma vacina, que o, o Roberto era contra...

MANUEL

Era editor, foi jornalista e era jornalista...

ANNA BELLA

E lutava muito pra conseguir trabalhar aqui como jornalista e com esses empregos que o Roberto inventava.

MANUEL

Era esperantista, dava aulas de Esperanto.

ANNA BELLA

E o trabalho dele, um dos trabalhos de que ele vivia, era ler grafologia, para empresas como a Mesbla - vocês ouviram falar nisso?

JORGE

O quê que é grafologia? Como, grafologia? Analisar a...

ANNA BELLA

Grafologia... Pra ver o caráter dos empregados... Aí eu morria de medo que ele viesse, visse a minha letra

JORGE

Ah, ah, ah...

ANNA BELLA

E ele era muito metido...

EULALIE

Um dia eu disse a ele: "Ah, lê a minha letra", aí ele leu e disse assim... "É, mas eu não faço isso com criança, não".

ANNA BELLA

Como eles, eram... ahn, vegetarianos... nem ovo comiam, era um exagero total, mas eu comecei a me acostumar a comer na casa da Dona Maria.

MANUEL

Tornaram-se vegetarianos antes de a Vera nascer. Portanto a Vera, quando nasceu, já era vegetariana. Nasceu vegetariana e foi toda vida vegetariana.

ANNA BELLA

Nós íamos pra fora, pra, pra esses lugares que o seu Roberto inventava lá no meio do mato, né, que a minha mãe não sa...

JORGE

Pra acampar?

ANNA BELLA

Pra acampar, mas minha mãe não sabia o quê que o Roberto inventava. Teve uma semana que a gente foi, que só podia comer tomate...

JORGE

O quê é isso?

ANNA BELLA

E só comemos tomate. É, então eu chegava doente, minha mãe não sabia de quê e tal...

JORGE

De tomate... Ah, ah, ah...

ANNA BELLA

No meio do mato comendo tomate.

MANUEL

Portanto a Vera foi criada em um ambiente em que não era fácil, pra uma criança, nessa vida, marcada por uma posição pessoal, cultural, filosófica, ideológica do pai, né.

JORGE

Inclusive tem aqui uma biografia que o Manuel Pedroso Marques, né, fez do Roberto.

MANUEL

Ele foi pra Espanha antes da guerra civil ter começado. Ahn... E foi, e foi porque estava meio descoroçoado com o ambiente de Coimbra, já tinha sido preso. Ahn, e foi pra Espanha como

correspondente de um jornal que havia em Portugal na altura, que era um jornal importante, hoje já não existe, que era o Primeiro de Janeiro.

JORGE

"Mas o pagamento era pouco e irregular. Quando o dinheiro atrasava para pagar a pensão, algumas vezes dormiu enrolado na sua capa, que conservara de estudante de Coimbra. Conheceu uma jovem atraída por 'um homem bonito que se via logo que não era vagabundo'."

MARIANA

Ah, a Primavera...

JORGE

Não, a Maria.

MARIANA

A Maria de Jesus...

JORGE

Quando a Maria...

MARIANA

... encontrou com ele na praça.

JORGE

Encontrou com ele na praça. É.

MANUEL

Uma mulher avançada, uma mulher de esquerda. Era sufragista, era meio feminista, ahn, e conseqüentemente antifranquista, quando o Franco tomou o poder.

JORGE

... "com quem vem a casar e ter uma filha que viera a nascer também em Pedrógão Grande." Aí tem um parêntese aqui do Manuel: "(Vinte e seis anos depois, eu e esta sua filha, Primavera, viríamos a casar e a ter a nossa filha Maria Alexandra. Nenhuma pode ler estas linhas. Faleceram. Muito cedo.)"

MARIANA

Que triste...

JORGE

É.

MANUEL

Bom. Eles casaram, viveram lá uns anos, depois ela ficou grávida, e eles resolveram que iam vir pra Portugal. E a Vera nasceu em Pedrógão Grande, no dia oito de março de trinta e três.

MARIANA

Durante a Guerra Civil de Espanha, quando as forças republicanas

já se encontravam em desvantagem, começaram a aparecer em Portugal muitos refugiados espanhóis, clandestinos. Num acordo entre Franco e Salazar, estes refugiados eram presos em Portugal e enviados de volta para a Espanha. Neste período, Maria Jesusa andava, acompanhada de uma das suas amigas, pelas ruas de Lisboa, a falar espanhol ostensivamente alto... para que algum refugiado se aproximasse a pedir auxílio. Assim conseguiu esconder em casa dezenas de pessoas, até que elas conseguissem obter o passaporte e se transferir para o México.

JORGE

Até que a situação em Portugal ficou insustentável, e eles tiveram que vir embora.

MANUEL

Roberto das Neves foi com a mulher para o Brasil no princípio dos anos quarenta. Ahn, e a Vera tinha portanto sete ou oito anos, ou coisa assim, e viveu lá até... ora até, até nos casarmos.

JORGE

Ela ficou um tempo no Brasil, se criou aqui, ficou adulta aqui e voltou a Portugal, ahh... Pra trabalhar, ela virou uma jornalista, editava, gostava muito de cinema, trabalhava numa revista de cinema. Foi pra lá pra cobrir o Festival de San Sebastian e passou pela cidade dela, que é Pedrógão Grande, uma cidadezinha no interior de Portugal.

EULALIE

Eu acho até que ela ia voltar, porque eu tenho um cartãozinho que diz "até breve". E no seguinte, ela já fala no noivado.

MANUEL

A Vera já não foi pro Brasil, nos apaixonamos, ela mandou a reportagem por avião pro Brasil, e nós ca, casamos três ou quatro meses depois.

EULALIE

Ela casou em mil novecentos e cinquenta e nove.

JORGE

Cinquenta e nove...

EULALIE

Em dezembro. E quando escreve pra mim, ela contou a festa, contou, contou como foi.

MARIANA

O nosso casamento foi, para mim, emocionante, como você pode imaginar. Se houve ridículo no grande lanche não vi. O meu espírito crítico estava embotado pela felicidade.

[Carta a Eulalie, 16/02/1960]

MANUEL

A Vera tinha, tinha uma dupla... nacionalidade e uma dupla relação com a nacionalidade. Quando ela estava no Brasil, sentia-se portuguesa. E, e quando vai pra Portugal, passou a sentir-se um pouco, ahn, brasileira.

MARIANA

"Tenho visto muitas revistas brasileiras, que aqui chegam com muito atraso e são caríssimas. Dez escudos, que é iagual a sessenta cruzeiros, imagine!

MARIANA

Soube que o Varela Cid, meu patrício, tirou o segundo lugar no Concurso Internacional de Piano, e que em S.Paulo houve vários comícios da fome, e que largaram uma bomba na ABI e outra não sei onde, creio que na COFAP, Tenho saudades do Rio..."  
[Carta a Eulalie, 1959]

EULALIE

Eu tenho uma carta que ela me conta entusiasmada que ela tá fazendo tudo: cozinhando, coisa que ela não estava absolutamente habituada, né?

MARIANA

Por enquanto só cuido da casa, coisa agradável mas monótona e inglória, porque, mal se limpa, já está tudo outra vez sujo. Com a minha ânsia de perfeição, às vezes fico azeda.  
[Carta a Eulalie, 16/02/1960]

MARIANA

Cozinhar é bom, mas... todos os dias? E lavar, e ir ao mercado, embrutece um pouco. Parece que não, a gente trabalha fora e anseia por algo mais "feminino", mas a verdade é que "embrutece". Talvez dê aulas particulares de inglês, mas é incerto. Não sei.  
[Carta a Eulalie, 30/05/1960]

EULALIE

E ela diz assim: "Só ferro é que eu não, não consigo, detesto passar a ferro. Eu... é uma espécie de complexo ao ferro... Ah, ah, ah..."

MARIANA

É uma espécie de complexo, um medo que eu tenho ao ferro, medo que me irrita, pois gostaria de saber fazer tudo bem. Eu gostaria de progredir, de fazer bons acepipes, de aprender a costurar...  
[Carta a Eulalie, 07/11/1961]

MANUEL

Ela dizia que as pessoas em Portugal eram muito, eram muito fechadas. Ahn, não eram, não eram tão expansivas como no Brasil. Ahn, e os amigos dela aqui, praticamente em Portugal, eram as pessoas que tinham sido amigas dos pais.

EULALIE

Ela sentia muita falta dos amigos, muita... Sempre fala nas cartas... Ela queria que os amigos estivessem lá, pra participar de tudo, da viagem que ela fez, dos lugares que ela estava indo.

MARIANA

O lugar do mundo de que eu mais gosto: Sintra. Como gostaria de levá-la por este parque, até o Palácio, donde se vê o mar ao longe! Tenho ótimos amigos, amigos de uma lealdade comovente, e por isso vivo em eterna saudade.

[Carta a Eulalie, 27/08/1959]

EULALIE

São cartas do casamento, cartas da, do nascimento da Sandrinha e... O assunto é esse, a casa dela, a vida de casada...

MANUEL

A Vera naturalmente era uma pessoa de intimidade. Era uma pessoa... de vida interior. Ahn, a única manifestação mais exterior que ela tinha era com a nossa filha

MARIANA

Será possível que só faltem onze dias para eu ser Mamãe"?! E comove-me o saber que você, minha mais querida amiga, reza por mim.

[Carta a Eulalie, 1961]

EULALIE

Essa cartinha aqui.. ela diz tão bonito aqui... Lalie, sinto que só se eu fosse poeta...

MARIANA

Eu sinto que, só se eu fosse poeta, poderia dar-lhe uma ideia da nossa filha e do que ela representa para nós. É uma coisa tão profunda, tão íntima, tão maravilhosa, que não consigo expressá-la. Ela olha-me nos olhos com um olhar divino, como se entre nós houvesse um elo misterioso. Infelizmente, a gente cresce e tantas vezes se sente incompreendida - pelos pais, e não os compreende! Como William Blake, o poeta inglês, eu acho que nascemos anjos e que aos poucos vamos caindo."

[Carta a Eulalie, 01/06/1961]

SALAZAR

Às almas dilaceradas pela dúvida e pelo negacionismo do século, procuramos restituir o conforto das grandes certezas: não discutimos Deus e a virtude, não discutimos a Pátria e a sua História, não discutimos a Autoridade e o seu Prestígio.

MANUEL

A Pide, a polícia política de Salazar, chamava Polícia Internacional e de Defesa do Estado pra dar ideia de que defendia o Estado das ameaças internacionais. Mas no fundo só perseguia era a quem estava cá dentro. Enfim, de internacional não tinha nada.

MANUEL

Eu nasci em Lisboa, e tinha amigos ligados à política que tinha sido presos, ahn, e tinha amigos, e tinha leituras, portanto minha posição era antissalazarista e antiditadura, principalmente depois da candidatura do general Humberto Delgado, em mil novecentos e cinquenta e oito, houve vários movimentos e várias reações, ahn, milit, civis e militares, de hostilidade e que criavam dificuldades ao Regime, principalmente no ano em 1961.

MANUEL

Naquele ano houve uma agitação que levou alguns militares e civis a participarem de uma tentativa revolucionária que foi conhecida por Golpe de Beja, ou pelo Movimento de Beja.

MANUEL

Várias circunstâncias, o movimento fracassou e abortou no próprio, no próprio dia... Todos os meus camaradas foram presos logo no dia seguinte, com exceção de eu que consegui alcançar Lisboa sem ser preso e então peguei na Vera e na filha, e mudei de casa e fui pra casa de amigos. Evidentemente que a Vera ficou muito inquieta, tínhamos uma filha pequena, eu também, não só porque tinha, tinha morrido amigos. Até que me exilei em asilo político-diplomático na embaixada do Brasil em Lisboa.

MARIANA

"É esta a casa dos que se escondem.

É esta a arca de pinho e ramos de salgueiro.

É este o lugar tranquilo."

[poema de Stephen Vincent Benét. Tradução: Primavera das Neves]

MARIANA

Na véspera de abril,

Sozinha, sozinha,

Andei pelos bosques

E sentei numa pedra.

Sentei-me numa grande pedra

E cantei para as aves.

A música era de Deus

Mas minhas as palavras.

["A véspera de abril", Mary Caroline Davies. Tradução: Primavera das Neves]

MANUEL

Passados uns tempos a Vera acha que também a vão prender a ela, sem nenhuma razão, mas ela teme que a vão prender também, começa a ser seguida e vigiada. E então pede também ao, ao embaixador asilo, e fica lá comigo. Mas depois saiu, seis meses depois saiu.

EULALIE

Ela ficou, um tempo. Mas ela precisou sair justamente por causa da filha.

MANUEL

E todos saíram menos eu que fiquei condenado, à revelia, num tribunal dos crimes políticos. Uns tempos depois, nós pensávamos, eu já estava condenado, já tinha havido o processo, e pensávamos que ela iria para o Brasil com a nossa filha, ahn, e que... eu me juntaria à elas quando conseguisse.

JORGE

O Negrão de Lima, que era o embaixador, fez um acordo com o governo portuuês pra ela poder sair e vir pro Brasil, que os pais dela estavam aqui. E o governo português autorizou que ela saísse, ahn, da embaixada.

MANUEL

E ela vai com os restos que havia da nossa casa, espalhados pela casa dos meus pais, e vai para, pro, pro porão do barco, e ela vai pro camarote, pra subir, com a filha ao colo, com a nossa filha ao colo. E quando vai a subir, a PIDE prende-a e não a deixa subir.

EULALIE

Ela teve que descer. Já estava tudo, tava embarcada. Ahn, mas logo, um pouco tempo depois ela conseguiu. Ela conta isso, numa cartinha: "Há muito tempo não falo com você, há muito tempo", porque realmente ficou aquele espaço enorme, né?

MANUEL

Mas então, primeiro prenderam-na aqui e não a deixaram seguir, perdeu-se a bagagem do porão e tal... Eu lembro que ela tinha muita saudade de uma louça, um serviço, acho que era "Rosenthal", uma coisa assim. Uma coisa assim, enfim, não sei bem, já não lembro. Ahn... Ficou toda a vida, ahn, ahn... As pessoas depois, ahn, concitam a, a sua, a sua saudade, ou seu lamento, às vezes, ahn, num objeto, num objeto que resume a subjetividade, né? Toda a subjetividade é concentrada, às vezes em, em objeto que, que, ahn... Enfim.

MARIANA

Quando nos concentramos num objeto material, seja qual for a situação, o próprio ato de prestar atenção pode nos levar a mergulhar, involuntariamente, na história desse objeto. Os principiantes têm de aprender a não se afundar demasiado, se quiserem que a matéria permaneça ao nível exato do momento. Coisas transparentes, através das quais o passado brilha!

["Transparências", de Vladimir Nabokov. Tradução: Primavera das Neves]

MANUEL

Mas depois deixaram-na ir. E é então que ela chega ao Brasil, e há essa reportagem da chegada dela ao, ao Brasil. Eu recordo quando ela, quando ela, ahn, quando ela foi de barco... ao Brasil... (...) Bom... E, e... com a nossa filha. E, quando o barco saiu do Tejo, eu estava ali numa, na residência do, do... que a embaixada tinha alugado para os exilados, já não estavam lá todos, mas estavam lá ainda alguns. E começaram a acender as luzes da casa. A

acender e apagar as luzes da casa, que ela conhecia, ia lá visitar. Começaram a acender e apagar. E ela depois manda uma carta, ahn, re, recordando esse facto.

JORGE

Ela viu, então.

MANUEL

É...

JORGE

Que bom.

MANUEL

Bom... Ahn... Eu estava desfeito nessa altura...

MARIANA

O sonho era muito triste, muito emocionante. Despedíamos-nos; vinham busca-la; o barco ia embora. Depois, voltávamos a estar a sós, despedindo-nos com amor. Chorei durante o sonho e acordei com uma inconsolável esperança, ao ver que ela não estava ali e com o pranteado consolo de nos termos amado sem dissimulação."

[Adolfo Bioy Casares, "A Invenção de Morel". Tradução: Primavera das Neves]

JORGE

Quando ela chegou no Brasil, tinha uns repórteres esperando e tal, no porto né, ela veio de navio, e aí ela não deu declarações, ela não quis falar sobre, porque também tinha uma preocupação com o marido que tava lá dentro e com negociações entre o governo português e o governo brasileiro que ela não queria prejudicar falando "ah, o governo esse, sei lá"...

MANUEL

Porque também o Roberto das Neves dinamizava a imprensa no Brasil a falar no, da filha, a falar no, no genro exilado na embaixada do Brasil e tal, principalmente quando ele já, eu já estava sozinho, quando os outros já tinham saído.

EULALIE

Todo mundo ficou ouriçado com a chegada dela. Ah, ah, ah... Imagina a alegria, né, do pai dela vendo a neta, né, pela primeira vez. E a, a Dona Maria revendo a neta já mais crescidinha...

JORGE

Tu ficaste ainda mais um ano. Um ano e meio quase.

MANUEL

É, na embaixada quase um ano, sim. E depois fui pra França e aí pedi asilo político-territorial em França. No tempo... Em, em sessenta e quatro. Nas circunstâncias que eram: eu dizia que era capitão do exército, condenado num tribunal de crimes políticos, tinha estado três anos na embaixada do Brasil, ou quase, dois anos

e meio... Ahn, e tinha participado de uma revolução, ahn, e não tinha nenhum documento sobre mim a dizer que eu era quem eu dizia que era. Felizmente apareceu essa fotografia que saiu nos jornais e que os, os franceses tinham, e, e, mostraram e pronto.

MARIANA

"Não é fácil descrever a alegria que experimentei ao ver-me são e salvo naquele navio, depois de uma situação tão triste e desesperada. Fizemos uma ótima viagem, e ao cabo de vinte dias fundeamos na Baía de Todos os Santos. Após quatro anos de vida no Brasil, não só tinha aprendido a falar perfeitamente o português, como também estava ligado por relações de amizade e de comércio aos meus vizinhos."

[Daniel Defoe, "Robinson Crusóé". Tradução de Primavera da Neves.]

ANNA BELLA

Então ela veio pra cá. Nessa época, eu já tinha os filhos, né, mas aí, a gente se encontrava muito, e a Primavera tinha muita relação com publicações de revistas.

EULALIE

Estava procurando trabalho e querendo muito que o Manuel viesse, né, como de fato ele veio.

MANUEL

Eu, quando cheguei ao Brasil, foi em sessenta e... cinco. Já na Ditadura. Senti no Brasil um primeiro choque que não foi muito simpático, mas depois eu tive sorte de arranjar trabalho, na editora Delta Larousse. E a Vera também trabalhava lá na tradução do acervo original da Delta Larousse, onde eu fui também redator, que foi uma enciclopédia dirigida pelo Antônio Houaiss, e pelo meu inesquecível amigo Otto Maria Carpeaux.

EULALIE

Porque ela trabalhava muito, né, isso já no tempo que morava no Leme, então de vez em quando ela ia espairar. Quando ia à biblioteca me visitar, porque eu trabalhava em biblioteca, ela ia me visitar e não me encontrava... "Passei por aqui, pra descansar entre livros" (risos).

MANUEL

Era uma mãe extremosíssima, de uma atenção, e todos os dias ia passear a filha, e tal. Eu ia levá-la ao colégio de manhã, porque a pasta de livros era pesada, eu ia de manhã, levava ao colégio, ao Chapeuzinho Vermelho que era, ahn, que era em Ipanema, depois, ia de calção, não é, que depois vinha pela praia, eu dava um mergulho, não sei o quê, vinha a casa, tomava banho e ia trabalhar. E ela era ao fim do dia: e ia, sempre todos os dias, com a filha, com a nossa filha, ao jardim, contava e falava, contava histórias...

MARIANA

A minha filha dorme.

Seus olhos-borboleta enfim pousaram  
na flor maravilhosa do seu sono,  
e ela por umas horas não é minha.  
"Mãe, o Pai do céu usa franjinha?"  
Se ela não sabe, se não se lembra já,  
como hei-de eu saber, como hei-de me lembrar?  
["Poema 23", de Primavera das Neves]

MANUEL

A Vera, ela tinha uma relação com a mãe, e a mãe escrevia um diário, que ela lia o diário que a mãe fazia, e eu acho que ela lia mas sem dizer à mãe, mas eu acho que ela sabia que a mãe sabia que ela lia, e era uma maneira também das duas se comunicarem.

ANNA BELLA

A Primavera até os dias que eu encontrei, ela falava, não era forçado, mas ela falava com a pronúncia de Lisboa.

EULALIE

É... Com aquele sotaque de, de portuguesa, né? Era um sotaque muito interessante.

MANUEL

Talvez ela tivesse para os brasileiros algum sotaque. Ahn... Mas isso acontece, quando eu voltei do Brasil, os meus amigos aqui diziam que eu falava à brasileiro. E quando eu saí do Brasil, os meus amigos brasileiros diziam que eu saía do Brasil a falar como quem tinha chegado, que não tinha pegado. Enfim, estava no meio do caminho, no meio do sotaque.

EULALIE

Encontrei, outro dia, o Jorge, uma coisa muito interessante... Eu não tinha lido, ou não me lembrava, então eu fiquei, gostei muito de encontrar alguma coisa que eu, era quase nova pra mim...

EULALIE

Meu pai, ele tinha uma loja, no Mercado das Flores, uma loja de discos... Ele foi pioneiro do rádio, meu pai, assim... Conheceu Roquette-Pinto... Como comerciante... Então ele colaborava muito com Roquette-Pinto, com discos, pra aqueles programas que fazia no início do rádio. E meu pai, Ele teve uma trombose. E ficou paralítico oito anos. E a Primavera vinha visitá-lo. Ela era, ela gostava muito dele, tinha conhecido ele, mas... em, com saúde.

EULALIE

Em setenta e dois, ela fez uma viagem, eu nem me lembrava, ao Uruguai, com o marido, com o Manuel, então ela, ela conta... "Seu Jorge, outro dia estive aqui no seu aniversário e o senhor perguntou o quê que eu achei do Uruguai. Mas aí a conversa se dispersou e tal... Então estou mandando pro senhor as minhas impressões, por escrito." Duas laudas assim.

MARIANA

Atravesamos a fronteira Brasil-Uruguai no Chuí. Devia ser meia-noite ou mais e é sempre emocionante entrar numa país a essa hora morta. Acordamos atravessando uma ponte. Na fronteira propriamente dita, um gato preto, solitário e soberano, cruzava a raia sem precisar passaporte, à vontade. Parou no meio da rua divisória para lambar uma pata. Um libelo da natureza contra a burocracia.

JORGE

Quando a Eulalie foi a, a Lisboa, a Primavera fez um roteiro, das coisas que ela devia visitar.

ANNA BELLA

Fala das luvas.

JORGE

É...

MARIANA

Querida Lalie. Gostaria de ter alguma coisa europeia pra você levar na viagem. Já não tenho, a não ser luvas. Você gostaria de um par, vermelhas ou brancas? Por isso, para não deixar de contribuir nessa sua invejável excursão pela Europa, aqui vai um roteiro de Lisboa, com toda a saudade e o amor que tenho por aquela cidade, e mais o desejo de que você fique a gostar também dela. Como é pequena, vê-se rápido.

[Carta a Eulalie, 1972]

MARIANA

Lisboa antiga. A não deixar de ver, de preferência à noite. Bairros da Graça, Alfama e Moraria, com seus becos limpíssimos e suas vielas cheias de gatos e poesia, com os nomes mais lindos que se possa imaginar. Mirantes, monumentos. Os monumentos: Castelo de São Jorge, Mosteiro dos Jerônimos e Torre de Belém. Os museus, os parques e jardins. Campo Grande, perto da Cidade Universitária, onde eu ia todos os dias com a Sandrinha. Tem cisnes, lago, pavões e árvores centenárias, piscinas, etc.

[Carta a Eulalie]

JORGE

Bom, eu tou chamando ela de Primavera, porque eu comecei esse filme a partir do nome dela que eu achei muito bonito, mas todo mundo chamava ela de Vera na verdade.

MANUEL

Bom, era... Primavera Ácrata, que é o verdadeiro nome, esse é que ela não queria.

EULALIE

A lista de chamada era Primavera, chamavam Primavera.

MANUEL

Espanhol, com Z: Saiz das Neves.

JORGE  
Saiz das Neves.

MANUEL  
É... Primavera Saiz das Neves, quer dizer, é poético

JORGE  
É poético.

MANUEL  
Mas ela, ela não se importava... da poesia. Ah, ah, ah...

ANNA BELLA  
E a gente brincava: "Primavera tu sais das Neves ou não sais?"

EULALIE  
E ela, sempre que me escrevia, se assinava Primavera.

MANUEL  
Mas toda gente a tratava por Vera. Ahn, a família mesmo, mais chegada, Verita

ANNA BELLA  
Não, eu não chamava de Vera.

JORGE  
Tu chamava de Primavera...

ANNA BELLA  
É, Primavera.

MANUEL  
E ela assinou as suas traduções e os seus livros por, por esses dois nomes: por Vera e por Primavera.

JORGE  
Tem dois livros, que é o "Viagem ao Centro da Terra" e o "Alice", que ela assinou Primavera das Neves. A partir dali, todas as traduções dela... Aqui, ó: ela assina: Vera Neves Pedroso.

EULALIE  
Eu sempre a chamei de Primavera.

MARIANA  
Vamos, vem comigo! (...). Vou levar-te à países longínquos, onde a primavera é eterna e as flores sorriem todos os dias ao sol.  
[Contos de Andersen. Tradução: Primavera das Neves]

MARIANA  
A tradução é uma reescrita, né, porque você tem o, primeiro você tem a, o original da obra, que não é aquilo que você tá lendo. Mas, quando você se depara com, né, com, sei lá, o poema da Dickinson. Aí você lê o original...

JORGE  
É...

MARIANA

E você lê, tipo, a tradução e vê que ali tem um caminho que foi percorrido. Esse caminho pode ser percorrido de muitas outras maneiras, sendo o mais fiel possível. Mas como é que você avalia o trabalho de uma tradução, né?

JORGE

Tem uma coisa do tradutor, que é um pouco dessa personalidade dela, me parece, que é o seguinte: é alguém que é um autor, mas não aparece. O tradutor, ele é quase que um autor secreto de um livro, né? Eu vi esses dias o Alberto Manguel falando disso, ele disse o seguinte: As pessoas dizem assim: ah, eu li Dostoiewski, eu li Kafka, eu li Proust... Não, tu leste o tradutor do Dostoiewski...

MARIANA

É, exatamente.

JORGE

... Tu leste o tradutor do Kafka. Tu não leste em alemão, nem em russo, nem em francês, então a gente leu os... os tradutores a vida inteira, e a gente nem sabe.

EULALIE

A Primavera, ela realmente, ela tinha essa coisa de... Não se, como se diz... Não se promover. Tinha, sim.

MANUEL

Era o contrário da vaidade. Agora, tinha uma grande, tinha uma grande confiança em si própria e tinha um grande orgulho da sua capacidade, ela sabia, sabia o que valia. Sabia que sabia mais línguas do que o comum das pessoas.

MANUEL

Isso devia lhe dar uma sensação de... de capacidade e de confiança que fazia com que ela se comportasse ao contrário, como se não tivesse nada disso.

EULALIE

Mas onde ela aparecia era tão... marcante, tão presente...

MANUEL

Ela chegava, e as pessoas notavam a presença dela. Ela tinha um tipo físico... ou alguma coisa que parece que as pessoas têm para além do físico, que fazia com que ela chegasse, e as pessoas, sem ela dizer nada, as pessoas... reparavam nela.

MANUEL

Talvez esse também fosse... um dos motivos... pelos, pelos quais

eu me dei conta dela.

MARIANA

Se a fama me quisesse, eu não lhe poderia escapar; se não, passaria dias sem fim caçando-a, e o meu cão, então, perderia a confiança em mim. Prefiro continuar entre os descalços.

[Emily Dickinson. Tradução: Primavera das Neves]

EULALIE

E ela falava espanhol, porque era a língua da mãe, né? Falava muito bem espanhol, né?

ANNA BELLA

No segundo ano ginásial nós tínhamos inglês. Mas o que tínhamos mesmo era... francês. Tinha que estudar muito.

EULALIE

Ela fez o curso de inglês, ela estudou... Além da, da, da Faculdade, ela fez a... a Cultura Inglesa.

ANNA BELLA

A Primavera foi se inscrever, pedi pra minha mãe, fomos, lá fomos as duas, aprender inglês... de Cambridge.

MANUEL

O inglês era, era a língua, ahn, onde ela sentia a poesia... mais realizada.

ANNA BELLA

Então, a tendência dela era pra escrever. Mas a sobrevivência era em tradução.

MANUEL

Eu próprio não sabia que ela tinha traduzido muitos livros, dezenas, porque ela, praticamente foi o que ela fez na vida, foi tradutora. Ahn, e ela era exímia, traduzia do inglês, do francês, do espanhol, ahn... e do italiano também. Do alemão traduziu menos. Mas ela tinha estudado alemão, aliás a tese dela, mesmo, era sobre a literatura medieval alemã, sobre a importância das lendas, dos nibelungos, e dos, dos gnomos e daquelas coisas, não é, que povoam a cultura medieval alemã, ahn, e que estão muito na origem da música do Wagner... Que era realmente a grande paixão musical dela, era o Wagner.

MARIANA

Mil vezes o exílio,  
A torre de marfim, a paranoia,  
A viagem sem rumo  
Mas também  
Sem lágrimas  
De crocodilo.  
"To shut our eyes is Travel".  
por isso vou dormir.

["Poema 25", Primavera das Neves]

MANUEL

O exilado foge da proscricção, da prisão, é um proscrito, é um perseguido e quando chega ao país de exílio pode sentir uma certa sensação de libertação. Mas a vida não para aqui. A pessoa corta com seu passado, a pessoa corta com seu trajeto, corta com vidas, corta com percursos, com amigos e enfrenta uma realidade nova, uma sociedade estranha, onde não é conhecido, onde ninguém o conhece.

MANUEL

Eu senti que, alguns brasileiros, para alguns brasileiros, quando sabiam que eu era exilado político, punham uma certa prevenção: exilado político por quê? O que é que ele queria fazer? O que é que ele pensa? Quem é ele? E passavam a fazer perguntas sobre o que eu tinha feito antes.

ZECA AFONSO

Grandola, vila morena  
Terra da fraternidade...

MÁRIO SOARES

Camaradas! Em vinte e cinco de abril, as Forças Armadas destituíram o governo fascista e colonialista. Mas foi hoje, foi aqui, que nós destruimos o fascismo.

MULTIDÃO

O povo unido jamais será vencido!  
O povo unido jamais será vencido!

JORGE

Quando teve a Revolução dos Cravos, caiu o governo do Salazar, o Manuel voltou, né, pra Portugal. Voltou...

MARIANA

E ela não?

JORGE

E ela não. Ela ficou aqui.

MANUEL

Pois nós, eu e a Vera, conversamos e ela não encarou de maneira nenhuma a hipótese de vir pra, pra Portugal. É evidente que nossas relações já não estavam mais... como tinham sido.

MARIANA

Carinho.  
Indispensável,  
Reconfortável,  
Irresponsável,  
Fácil de dar  
E de tomar.  
Coisa vulgar,

Boa de achar,  
Que todos querem  
Ansiosamente,  
E todos tem  
Insaciavelmente,  
Seja de um filho,  
Seja de um gato,  
Seja do amante  
E, mesmo assim,  
Nunca é bastante.  
["Carinho", poema de Primavera das Neves]

ANNA BELLA  
E ela não foi pra Portugal... Ele, ele, e ele foi...

JORGE  
Ela ficou.

ANNA BELLA  
Porque eles se separaram, não há dúvida...

JORGE  
Eles se separaram, né?

ANNA BELLA  
Senão ela teria ido.

EULALIE  
Esse, esse assunto é um assunto que, que eu acompanhei e tudo, mas  
é uma coisa dela, né?

JORGE  
Mas ela... Não foi por querer ficar no Brasil, a separação não foi  
por isso, assim, ah, eu quero ficar no Brasil... Um pouco, foi?

EULALIE  
Não.

JORGE  
Não?

EULALIE  
Não sei.

MARIANA  
Da adolescência, do sonho e da ilusão,  
Dessa ilusão que ainda persiste,  
Apesar de tudo, embora eu seja triste,  
E não mais menina, e não mais feliz.  
Passeios a pé a Santa Teresa  
Com o Oboé apontando o caminho  
Que julgávamos nosso.  
Onde o verde, onde o sonho, onde a fé e o carinho?

(Como na historinha, no fundo do poço.)  
["Sétima", Primavera das Neves]

EULALIE

Eu tava lendo uma das cartas, né... Que ela me escreveu, quando estava casada em mil novecentos e, entre cinquenta e nove e sessenta e um, e... em Lisboa... E ela diz que, muito ocupada com a filhinha pequena e tudo... Eu não tou escrevendo porque, não tenho tempo, tou, tou escrevendo menos do que eu queriamas que ela tá... Ler ela lê. Então eu acho que nunca, nunca faltava tempo pra leitura pra ela.

MARIANA

"Quando leio um livro e ele me faz sentir o corpo tão frio que nenhuma fogueira pode aquecer, sei que estou lendo poesia. Quando sinto como se o alto da cabeça me fosse arrebatado, sei que se trata de poesia".

[Emily Dickinson. Tradução: Primavera das Neves]

EULALIE

Um dia, ela me deu uma poesia, eu... e não me disse que era pra mim. Até hoje eu fico sem saber se aquilo foi pra mim. É tão bonitinha. Isso eu tenho, assim mesmo como ela deu, guardadinha ali num bauzinho, que ela também me deu... junto com poesias do Fernando Pessoa, em papezinhos pequenos, que ela dati, era tudo datilografado, não havia computador, e então, que ela levava no ônibus pra não perder tempo ia lendo... Como não tinha WhatsApp (risos)... Não tinha nada disso...

JORGE

"Tão cedo passa tudo quanto passa!  
Morre tão jovem ante os deuses quanto  
Morre! Tudo é tão pouco!  
Nada se sabe, tudo se imagina.  
Circunda-te de rosas, ama, bebe  
E cala. O mais é nada."

[poema de Ricardo Reis / Fernando Pessoa]

MARIANA

"Encontrou um amigo poeta, e pensou: Que gente, esses poetas! Que felicidade, sentirem-se sempre livres! Gostaria de ser poeta... Quase sem reparar, começou a recordar a infância, poetizando tudo. Nunca tinha prestado tanta atenção na beleza das coisas, como naquela manhã... Estarei sonhando? Tenho a sensação de estar voando..."

[Contos de Andersen. Tradução: Primavera das Neves]

MANUEL

Ela falava muito da Emily Dickinson, foi... depois que ela tomou contato e traduziu a Emily Dickinson... era uma referência pra ela, considerava uma grande poetisa.

JORGE

Eu relaciono muito ela com Emily Dickinson, porque também era uma poeta inédita né, porque ela...

ANNA BELLA  
Não publicou...

JORGE  
Nunca publicou.

ANNA BELLA  
Era timidez, talvez... Não sei, eu não sei qual era o estilo, eu não sei se a Primavera era uma pessoa... clássica na poesia...

JORGE  
Não, moderna. Parece, não, vou te mostrar depois os poemas...

ANNA BELLA  
Que ela sabia a língua, ela sabia.

MARIANA  
Morrer e nascer,  
Calma e renovada;  
Morrer para mim,  
Nascer para vós,  
Suave e transformada;  
Ser de carne e osso,  
E tornar-me flor,  
E tornar-me fada;  
Estar quase a murchar,  
Sentir-me gelada  
E irradiar calor.  
["Amor", Primavera das Neves]

ANNA BELLA  
E esse jeito de português né, estar quase a murchar...

JORGE  
Estar quase a murchar.

ANNA BELLA  
"sentir-me gelada e irradiar calor", olha que...

JORGE  
Bonito, né?

ANNA BELLA  
... polaridade estranha, né?

JORGE  
Bem bonito...

ANNA BELLA  
É, a alma... A Primavera é uma alma...

MARIANA

Quanto aos poemas de Primavera, tenho aqui uns trinta e poucos. Estes, datilografados e reunidos em pasta, me foram dados após o falecimento dela, pela mãe. Com a vida curta de Primavera, muita coisa que ela poderia ter feito, não chegou a fazer. Mas acho que tinha planos e sonhos. Sonhos, talvez, de publicar seus poemas.

JORGE

Ah, ela tinha um nome. Que ela, ela propunha pro...

EULALIE

É...

JORGE

...livro. "Planta no escuro".

EULALIE

A "Planta no escuro" foi a que vocês encontraram em jornal. A única, né? publicada.

MARIANA

Planta que nasces do meu eu mais puro  
e vais crescendo sob o sol do escuro,  
dentro de mim -  
alheia estás ao vômito de sangue,  
ao olhar moribundo,  
ao cheiro de laquê e à voz do mundo,  
que se ouve na tevê.  
Alheia estás, mas não estás tão alheia,  
Que não te sintas como numa teia,  
tolhida de florir, pasto de aranhas.  
["Planta no escuro", Primavera das Neves]

JORGE

Oi, Eulalie!

EULALIE

Olá!...

JORGE

Eulalie, tu sabe que eu encontrei mais um livro traduzido por ela e assinado por ela, que é o "Robinson Crusóé".

EULALIE

Assinado como?

JORGE

Primavera das Neves.

EULALIE

Ah, sim!

JORGE

Agora, agora são três livros só que ela assinou Primavera.

EULALIE

Hum, hum.

JORGE

E tu recebeste o da Emily Dickinson, o verdinho?

EULALIE

Sim. Eu já... olha, eu acabei de ler ontem.

JORGE

É bom, né?

EULALIE

É difícil! Aquelas poesias, algumas, algumas são muito difíceis, né?

JORGE

Sim.

EULALIE

É... incrível como... a Emily Dickinson tem realmente alguma coisa dela, e ela da Emily Dickinson.

MARIANA

O belo há de possuir-me até minha morte.

Beleza, tem piedade de mim,

Mas, se eu morrer hoje mesmo

Que seja olhando para ti.

[Emily Dickinson. Tradução: Primavera das Neves]

EULALIE

Eu telefonei pra ela e, ahn, eu fiquei sabendo pelo telefone, ele me... até a voz dela disse: "Estou assim, assim, assim..." Ela... Eu ouvia... Até a palavra que ela disse, não, é isso aqui, o quê? O sintoma dela e tal.

ANNA BELLA

É porque ela não se cuidou, porque ela achava, não é que era super-herói, mas eu acho que ela achava que nunca ficaria doente, falando sério, como ninguém acha, como eu também não acho, mas... ela deve ter tido sinais da doença dela, que ela não quis tomar conhecimento. Não quis tomar, ela continuou, não é exagero, ela continuou sentada naquela cadeira, traduzindo, não sei mais o quê.

EULALIE

Foi surpreendente assim, né? Claro que as doenças não aparecem tão rápidas assim, não é? Mas pra nós, pros amigos, pra família e talvez pra ela mesma, foi muito... Assim, né?

MARIANA

Vem, doce sono,  
Fecha-me os olhos,  
Pega-me ao colo,  
Leva-me vendada,  
Alada, extasiada,  
Para os altos montes.  
Já não estou interdita,  
Apenas cerceada.  
Vem contrabandear-me!  
Mas leva-me à força,  
Tapa-me os ouvidos,  
Para que eu não ouça  
Remorsos, pedidos.  
Para que eu afunde  
no esquecimento  
De tudo, de todos,  
Só por um momento.  
Para que eu pareça  
Outra vez criança,  
Sem dores de vida.  
Sonhando e sorrindo,  
Como a da infância  
Bela Adormecida.  
["Poema 10", Primavera das Neves]

ANNA BELLA

E aí eu tive de ir pegar os gatos de Primavera no apartamento dela, porque eles tavam todos escondidos, por baixo, arranhando, braãã... Tinha de ir pegar pra levar pra algum lugar, não sei mais o quê, coisas assim que... não é que, ah puxa, Anna Bella que bobagem, não, não é bobagem porque eram os gatos.

ANNA BELLA

Mas nessa noite eu sonhei com a Primavera voando, com véus verdes... Foi, foi à noite, foi o dia que ela morreu, né... Mas eu não tenho nenhum dessas sensibilidades, posso até... Como artista, né? Porq, e por que o véu verde, né? Porque verde era a cor que a Primavera amava mesmo... Né... E eu vendo ela ir pros céus... Que eu nem acredito que vai pro céu, nem pra terra...

MARIANA

"Quem és tu?", diz o retrato à minha frente.  
"Sou eu, a tua, a que morreu no dia em que nasceu para ti."  
"Mas tu estás viva, tu estás diferente."  
Sorri,  
e outra vez morri.  
["Gioconda", Primavera das Neves]

MARIANA

Primavera morreu em 1981, aos 48 anos. Seu pai Roberto morreu alguns meses depois, aos 73. A mãe, Maria Jesusa, viveu até os 80 anos, e faleceu em 1990, também no Rio de Janeiro. Já a filha de Primavera, Maria Alexandra, a Sandrinha, também se formou em

Letras, voltou a Portugal e morreu em 2005, aos 44 anos, de uma doença muito parecida com a da mãe.

EULALIE

Queria dizer que foi um grande prazer poder falar com você dela. Porque eu acho que você tá interessado em saber quem é ela, é uma coisa muito... pra mim, muito bonita, muito agradável, muito... Eu fiquei fascinada com, com essa possibilidade, mas com muito medo, né, sinceramente, porque, ahn, eu... Primavera era uma pessoa muito discreta. E sempre há aquela pergunta: "E ela vai gostar disso?" ah, ah, "vai gostar disso?".

EULALIE

Pronto?

JORGE

Pronto.

MARIANA

Morri pela beleza - mas mal estava  
Ajustada no túmulo  
Quando alguém que morreu pela verdade foi posto  
Numa câmara adjacente.  
Perguntou-me suavemente "Por que morreu?"  
"Pela Beleza", repliquei.  
"E eu, pela verdade. As duas são a mesma  
Somos irmãos", disse ele.  
E assim, como parentes que se encontram,  
Conversamos de túmulo para túmulo  
Até que o musgo aos lábios nos chegasse  
E tivesse coberto os nossos nomes.  
[Emily Dickinson. Tradução: Primavera das Neves]

ANNA BELLA

A falta que ela me faz, ela não me faz uma falta melancólica,  
ahn... no sentido de que... a minha vida foi ocupada, mas a  
Primavera, ela... Ela é uma, é uma parte da minha vida total.

EULALIE

Tudo foi tão rápido, né, ni, nisso. Por isso que é difícil, ahn,  
ahn, precisar coisas assim... Ahn, eu não tive tempo de, de, de  
conversar tanto com ela quanto eu gostaria, né? Sobre a tradução,  
sobre o que ela pensava das coisas. Imagine se ela vivesse agora  
como seria bom, né... Como estaria, estaria aqui fazendo outras  
coisas, com certeza, né? Nos seus oitenta e poucos anos. (Risos)

MANUEL

Eu não... não quero esquecer. Eu me dou totalmente o espaço, dou  
todo o espaço que as pessoas que me faltam ocupam na memória. O  
espaço inteiro. Não quero esquecer nada.

MARIANA

Uma flor caiu,

suave e amarela,  
sobre a terra escura.  
Um flor cansada  
de, tão bela e frágil,  
resistir ao vento.  
Que morte tão linda  
a da flor caída  
sobre a terra escura!  
Ninguém a enterra;  
fica à luz do sol  
e ao sabor do vento  
e ao fresco da chuva,  
enfeitando a terra.  
E é até capaz  
de voltar à vida,  
suave e amarela,  
ao calor do olhar  
de uma menina.  
[Poema sem título, Primavera das Neves]

FIM

\*\*\*\*\*

(c) Pedro Furtado, Jorge Furtado e Ana Luiza Azevedo, 2017  
Casa de Cinema de Porto Alegre  
<https://www.casacinepoa.com.br>